

# **Velhice, imaginário e cultura: possibilidades na diversidade**

## **Elderly, imaginary and culture: possibilities in the diversity**

*Altair Macedo Lahud Loureiro\**

### **Resumo**

Este artigo apresenta alguns apontamentos advindos de estudos efetuados à luz da teoria do imaginário, sobre o entendimento, a aceitação e os preconceitos da situação da velhice, pelos próprios velhos e pela sociedade; questiona e considera as possibilidades, sem desconsiderar as fragilidades, nesta fase, que se vê como apenas mais uma etapa da vida, que precisa e deve ainda ser vivida, bem vivida.

**Palavras-chave:** Velhice. Imaginário. Cultura.

### **Abstract**

This article shows some notices based on a research developed using as the framework both the imaginary theory and studies whose subject was the understanding, the acceptance and the prejudices of the elderly situation. It also makes some questions about the possibilities, considering the fragilities – which are bigger during this phase of life. Elderly is often considered just another stage, but, in fact, that phase of human life must be lived, and lived with intensity.

**Key words:** Elderly. Imaginary. Culture.

---

\* Doutora. Professora da Faculdade de Educação da UnB.  
E-mail: altaira@uol.com.br

“Fala-se mal das rugas,  
mas só uma face velha pode ser biografia”  
(Cordeiro Sá, *apud* SESC, 1999)

O Brasil, nesta entrada do terceiro milênio, já não é um País, como até bem pouco se acreditava, de jovens. Os idosos povoam nosso espaço, como em todo o mundo. Esta realidade é uma novidade para a sociedade. Apesar das pistas que apontavam para o fato, o País não se preparou para absorver a previsão que se concretiza, em uma sociedade que se engasga cotidianamente com as exigências do mercado, com o imperialismo de modelos, impondo ao homem ser belo e forte, entendendo, como parâmetro único, a juventude. Se a produção é sua meta, esta quantidade de velhos já não produz o que a sociedade espera.

Mas as famílias, as sociedades, as culturas e as ideologias são diversas, e também o entendimento e a aceitação do fenômeno da velhice e da presença do velho nelas é diferente, como diferente é a auto-imagem que os idosos fazem de si. Portanto, “*não existe uma situação de velhice, mas, sim, uma diversidade de situações da realidade do velho*” (D’Epinay et al., 1984). No meio dessa diversidade, pode-se encontrar sociedades, ou grupos, que veneram seus velhos e outras que tudo fazem para escondê-los ou submetê-los ao jugo da modernidade, da juventude. Há, como diz Bobbio (1997), “*o velho satisfeito consigo mesmo (...) e o velho desesperado...*”; assim, a velhice não é igual para todos.

O mito da fraqueza do ser idoso já, felizmente, começa a desaparecer; mas atitudes desusadas e ações incoerentes ainda são o esperado, dos idosos, pelos mais jovens submersos na “*bacia semântica*” (Durand, 1989), na sociedade estigmatizante. Os “*fluxos de racionalização*” e as “*estratégias de preconceitos*” (Carvalho, 1999) que segregam o velho na sociedade precisam de ser distanciados do “*discurso competente*” (Chauí, 1989), para permitir a reflexão e a ação sobre essa etapa da vida, hoje não só dita da “*terceira idade*” mas até considerada da “*melhor idade*”.

O velho vive um jogo permanente, no pluralismo de valores, entre forças contraditórias: tendências destrutivas e tanáticas, de desespero, de morte, e “*narcisísticas*”, de vida, de amor, de satisfação consigo mesmo. Mas, como expressa Messy (1993), não existe conflito entre essas “*duas forças pulsionais opostas, mas desequilíbrio*”. Os pratos da balança pendem ora para um lado, ora para o outro, e, às vezes, o peso de um é maior. Esse desequilíbrio resulta, em grande parte, como diz o já citado Bobbio, da realidade de ser o velho “*banido da sociedade e da cultura*”, quando sua experiência e suas idéias já “*de pouco valem*”, são consideradas “*obsoletas*”. Como todos nós, o velho também é impregnado pelo exterior, influenciado pelo meio circundante, pelas

“pressões do meio cósmico e social”, como diz G. Durand (1989), que o fazem disciplinado, violento, ajustado ou inconformado e até assustado. As imagens que disso resultam são diversas, pois, ao lado de tais imposições/intimações, existem os desejos, os querer, as “pulsões” interiores que, com o exterior, se contaminam, podendo trazer à tona, nos grupos, imaginários diferentes.

Há uma “luta permanente entre o investimento afetivo de si mesmo e o desinvestimento que culmina com a morte” (Balier, *apud* Messy, 1993), desinvestimento este que a sociedade se encarrega de motivar, minando o terreno fertilizado pelas fragilidades físicas naturais do ser humano com mais idade. Como escreve Messy (1993), “o registro corporal é, sem sombra de dúvida, aquele que fornece as características da pessoa de idade avançada: cabelos brancos ou calvície, rugas, reflexos menos rápidos, compressão da coluna vertebral, enrijecimento, etc.”. Mas, “... velhice não é isso que acontece quando as marcas do tempo enrugam a superfície do corpo. Velhice é algo que vai crescendo por dentro, do jeito mesmo como num jardim cresce uma flor” (Alves, 1998). Ela é sorrateira, chega de súbito para os incautos que não acreditavam que para si ela chegaria; nova vida apresenta-se, precisa ser vivida: a vida do velho marcha em ritmo diverso do até então caminhado.

A velhice ofereceu seus sinais naturais, mas os olhos nublados pelos preconceitos da sociedade não os viram, ou os desconsideraram, pensando que ainda havia muito tempo para eles mesmos envelhecerem. Enganaram-se a si próprios com medo da realidade culturalmente mal aceita ou mal-entendida, pois, por dentro de cada um, ela vai desabrochando e, sabendo-se entendê-la e aceitá-la, aos poucos despontará, sutilmente, sem alarde, apresentando-se com a elegância de quem chega a uma festa, bem vestida e perfumada e, sem espalhafato, se assenta: põe e até dispõe o curso do discurso no salão da vida. Talvez não tenha sido convidada, desejada, mas era de se supor que comparecesse; sua presença era indiscutivelmente certa na festa da vida, descartando-se a morte. A idéia de vida permeará esta situação, expulsando ou diminuindo a tanática postura ante a vida.

A angústia do tempo que corre, muda e faz envelhecer; o medo humano da finitude não é sensação só da idade avançada, existe, naturalmente, em todas as idades, desde sempre, nos seres humanos.

A Antropologia do Imaginário preocupa-se, fundamentalmente, com este medo da morte, com a angústia humana do passar do tempo. É este imaginário, com maior ou menor medo da finitude, que orienta e estrutura a vida, a visão de

mundo, de forma a lutar contra o medo ou transformá-lo, eufemizá-lo para poder conviver com ele ou eliminá-lo. É o imaginário que consegue vencer esse medo; é o imaginário, portanto, a arma que se oferece ao homem na luta contra a morte. O homem sabe-se finito, mas, insanamente, considera-se infinito, imortal; quem morre são os outros e é difícil conjugar o verbo morrer na primeira pessoa. O imaginário é “*a essência do espírito, isto é, o esforço do ser para erguer uma esperança viva diante e contra o mundo objetivo da morte*” (Durand *apud* Pitta, 1999, p. 49).

Convém, e isto é papel da educação, formar pessoas que entendam o conflito entre os elementos de vida e de morte como complementares, não apenas binários, mas como elementos que, no conflito constante, geram novas posturas de vida ou de morte; uma multiplicidade de visões de mundo surge e o homem escolhe, ou se deixa escolher, a qual, ou por qual, se agregar.

Sem a vida não há morte e, sem morte, qual o sentido de viver? A fuga, ou a luta constante, da morte e com a morte, dá a sinfonia harmoniosa, ou desarmoniosa, à existência.

Aceitar passivamente ou opor-se heroicamente?

Talvez nem uma coisa nem outra. Como expressam as imagens da vida e da morte – recolhidas de um grupo de idosos, professores aposentados, com mais de 60 anos, vivendo em Brasília, com a aplicação e a análise do Arquétipo Teste de Nove Elementos, o AT-9 de Yves Durand, na pesquisa que, com eles, realizamos no período compreendido entre 1989 e 1993 (Lahud, 1993) –, os contrários podem-se harmonizar e, na síntese, simultânea ou não-simultânea, das posturas heróicas de luta ou místicas de aceitação, dependendo do momento, pode residir a solução para viver bem, para se continuar a vida sem desvivê-la; não sucumbir às exigências novas, mas considerá-las dentro de seus novos limites, conhecendo suas potências e dificuldades, tirando partido delas. Conhecer o imaginário dos grupos, seus mitos e simbolismos, auxilia na organização de ações com eles. No caso dos idosos, isso também acontece.

A velhice é um fenômeno não só de natureza biológica, de geriatria, mas social e cultural (sociocultural), de gerontologia, entendido e definido em versões alternadas tanto pessimistas como otimistas, com um imaginário pleno de idéias de morte ou de idéias de vida, pulsões internas a equilibrar no balanço com as imposições externas.

Geralmente, as pesquisas e os estudos com pessoas com mais idade detêm-se nos asilos ou em pessoas doentes, abandonadas, não-sadias e isoladas e, disso, decorre entender a velhice de forma mórbida, como sinônimo de doença; idéia com a qual não comungamos.

De forma pessimista, Faguet “*compara a velhice a uma comédia mal representada por um homem para iludir aos outros e a si mesmo e que parece cômico, sobretudo porque ele a representa mal*” (apud Beauvoir, 1970a). Noberto Bobbio (1997), vivendo sua nona década, escreve *De Senectute*, em que se confessa pessimista e considera que a velhice é uma “*carência de futuro, o início de um ciclo que se avizinha do fim, da decadência imposta pelos limites biológicos*”, e Maria Luíza Gusmão de Moraes (1977) diz que a velhice é a “*sala de espera da morte*”.

É bom lembrar que nem só os velhos morrem, que a velhice não é condição para se morrer. Jack Messy (1993) refere-se à velhice dizendo “*que é quando o ser humano tem uma imagem partida de si mesmo (...); é uma crise de identidade (...) como na adolescência a imagem própria se parte*”. Simone de Beauvoir (1970b) vê a velhice “*como um fenômeno biológico com reflexos profundos na psique do homem, perceptíveis pelas atitudes típicas da idade não mais jovem nem adulta, da idade avançada*”. Para Marilena Chauí (apud Bosi, 1987), “*ser velho é lutar para continuar a ser homem*”, enquanto Ecléa Bosi (1987) diz que é sobreviver, referindo-se à sociedade capitalista. D’Epinay et al. (1984) diz que se tornar velho é ter diminuída “*a vitalidade das forças físicas e das aptidões*” e que “*esta carência obriga a pessoa a adotar definitivamente um outro ritmo de vida*”. É certo, mas prefiro dizer que ser idoso significa apenas estar vivendo outra fase da vida; ter, agora, outros ideais, diferentes das aspirações juvenis, mas também com possibilidades, se considerados os limites recolocados pela idade. Ser idoso é poder ainda sintonizar-se, não sem algum sacrifício ou esforço, com a mentalidade do tempo presente, vendo e reconhecendo nele o seu próprio lugar e o espaço que a ele é devido, mas que, sub-reptícia e impiedosamente, os “*complexos de cultura*” (Bachelard apud Roy, 1997) teimam em negar. Ser idoso requer um compromisso consigo mesmo de luta cotidiana para manter os vínculos com o mundo, sem se assustar com a cara feia da sociedade. Isso vai depender, como já dito, da visão de mundo que o idoso tem, da sua relação com a vida; se, vendo a vida, e sua continuidade na velhice, “*como uma montanha que temos que escalar, ou como um rio onde estamos imersos e que corre lento para a foz, ou como uma selva na qual vagamos sempre incertos sobre o caminho a seguir para chegar à clareira*” (Bobbio, 1997).

Pesquisadores suíços, pertencentes ao Grupo Universitário Genebrês de Pesquisa com Pessoas de mais Idade – GUGRISPA –, concluíram que a velhice “*é a fase da incerteza no futuro, do medo da morte*” (D’Epinay et al., 1984).

Mas quem não tem medo da morte? Quem tem certeza no futuro?

Vivemos uma era de incerteza. As teorias clássicas já não dão conta sozinhas de fazer previsões. Um ritmo novo, mais cadenciado, talvez sim, é possível de ser necessário ao velho imprimir à sua vida. A sabedoria está em viver intensamente cada uma das fases da vida e, assim, não criar mais um problema, de resto insolúvel, que é não se conformar com o passar do tempo, com o ingresso na velhice. É bom recordar que a velhice ainda deixa “*aberta ao indivíduo uma ampla gama de possibilidades*” (Beauvoir, 1970a) e crer que a velhice “*é apenas uma fase diferente da existência, mas ainda vida*” (Lahud Loureiro, 1998), que pode e deve ser bem vivida. Empurrar as margens, deslocá-las e alargar o espaço é preciso, pois a tirania da cultura existe e, nela, o diferente incomoda, mas existe. As margens não são estáticas, são efervescentes, dinâmicas e, nesse movimento, pressionam e podem, aos poucos, explodir o centro.

A realidade, que condiciona as idéias negativas sobre o fenômeno da velhice, idéias impregnadas de um etnocentrismo sem sentido – etnocentrismo entendido como modelo próprio que anula ou desconsidera outras visões possíveis, que gera os “fantasmas”, os mitos aceitos sem mais pensar que condicionam a marginalização do diferente, do outro, do não-igual ao culturalmente bem aceito –, causa desencanto.

Mas não existe apenas “*uma situação de velhice*” (D’Epinay et al., 1984). Esta é vivida conforme as culturas, e sua marginalização é maior ou menor conforme as determinações do (centro) social. Em uma sociedade capitalista, só tem valor o que dá lucro, e o velho já não oferece a possibilidade de lucro com clareza. Essa possibilidade é a maldosa posição que, na atual competição acirrada, vai derrubando, descartando, jogando para os lados, marginalizando o que não produz, mesmo que possa ser um produtor de felicidade.

Mas, será que o velho já não produziu o bastante? Será que o velho não está ainda produzindo, participando com a sua simples presença, presença vista com os olhos d’alma, ou melhor, com os olhos de quem tem alma, como tocheiro a iluminar caminhos, como refúgio de paz e de felicidade, com suas palavras recheadas de experiência?

A sociedade vem marcando a pessoa idosa no seu desvalor; desvalor que ela mesma passa a assumir e que a faz se sentir e se imaginar, no seu “ego feiúra” – ego deturpado que o velho começa a fazer de si mesmo, quando não se sente mais como objeto do desejo dos outros –, a repetir, como a madrasta da Branca de Neve, em frente do espelho: “*espelho quebrado meu, existe alguém mais alquebrado do que eu?*” (Messy, 1993), ou, como no poema, se perguntar: “*em que espelho se perdeu a minha face?*” (Cecília Meireles).

Pois a fisionomia da juventude apreciada, agora, transforma-se pelas garras de um tempo cultural, pelo etnocentrismo dos grupos e, assim, essa imagem deturpada, que a sociedade criou para o velho, faz que ele, em muitos casos, a assuma, sem pensar.

É grave, pois nós retiramos do outro e assumimos como nosso o que amamos, mas morremos também a cada perda, a cada coisa boa que se vai. É no outro que se forma o nosso ego e a nossa imagem pessoal.

Messy (1993) registra palavras de idosos quando dizem: “*É claro que sou velho*”, minha certidão de nascimento o atesta, e isso me vem de fora, mas “*eu não me sinto velho (...), isto me vem de dentro*”. Dos sujeitos-autores da nossa pesquisa, desabafos parecidos foram ouvidos.

É comum o espanto ao se encontrar alguém que há muito não se vê: nossa, como envelheceu! Mas não se pensa que o mesmo espanto pode ter acontecido com a outra pessoa. Nós também envelhecemos... eu também envelheci! Bois (1989) lembra que “*o processo do envelhecimento é um abstrato (...) dá-se a ele concretude somente quando já não se tem mais argumentos e estratégias para disfarçá-lo de si mesmo. É nos outros que ele se concretiza primeiro.*”.

Ao lado dessa alienação quanto à própria velhice, o ridículo, considerado pela cultura, carimba a imaginação do idoso que se retrai. Convém, ao idoso, portanto, ser transgressor dos estabelecidos que engessam a conduta, conforme a idade e a aparência física, e investir nas emoções, nas possibilidades, na “pulsão” interior: realizar suas vontades. Mas é preciso, também, ter presente que a velhice não nos é somente dada; ela é também construída ao longo de toda a vida. Pensamos ter escolhido como envelhecer e privilegiados seremos se atingirmos a velhice, pois não são poucos os que ficam pelo caminho, morrendo precocemente, antes de ser idoso. Entretanto, a sociedade prepara armadilhas que transtornam a vida da pessoa mais vivida, com mais idade: a vida do velho. Percebe-se, assim, a oscilação, o “trajeto antropológico”, o circuito entre as obrigações e os quereres.

Como já dito, o imaginário é a defesa que possui o homem para vencer a morte, e, para conhecer esse imaginário, é preciso deter-se “neste trajeto” que circula de um pólo ao outro – do interior desejanste ao exterior pressionante e *vice-versa* –, simbioticamente; o “*trajeto antropológico*” amalgama as “*pulsões internas*”, as aspirações do idoso, com as “*intimações externas*” da cultura, as pressões do “*meio cósmico e social*” (Durand, 1989).

Assumimos, como já dissemos, que a velhice é apenas mais uma das etapas da vida e, como as demais, precisa e deve ser vivida com intensidade, ser bem

vivida com seus encantos e desencantos e com a crença na possibilidade do reencantamento (Lahud Loureiro, 1999). É a etapa da vida em que o ser humano tem, ao seu dispor, maior tempo.

Como, em algum lugar, escreve Drummond, “*dentro de mim, bem no fundo, há reservas colossais de tempo*”.

Mas, mais tempo para quê? Como usar o maior tempo?

A pessoa idosa precisa de bem usar e usufruir as “colossais” reservas de tempo que tem dentro de si. O tempo do lazer, que poderia ter sido usufruído durante todo o percurso da viagem da vida, agora se faz presente concretamente: mais tempo livre, quiçá todo o tempo do mundo. Convém usufruí-lo. Mas o velho não foi acostumado a ter lazer e isso se confirma nos depoimentos que dizem: “*nunca brinquei, trabalhava muito. Apanhava tomate, limpava mato. Ainda hoje eu sinto queimando as minhas pernas, da queimadura do sol*”. Ou: “*Ah, minha filha, eu acho que nunca tive infância (...) não sei nem o que era brincar. Sabe qual era a minha brincadeira? Desde que eu me entendo por gente, era trabalhar*” (Neves, 1999).

Depois da infância, na adolescência e na idade adulta, o trabalho sempre esteve como sinônimo de dignidade a condicionar o orgulho que abafou o cansaço e impediu o lazer. A abundância, agora, de tempo livre pode trazer embutido o germe do desencanto, da depressão e da angústia, pois, como escreve Carvalho (1999), “*o corpo decrépito traz consigo as imagens de situações limites geradoras de angústia (...) numa sociedade que, fundada no progresso técnico e nas luzes da razão, estigmatiza como ‘interditos’ ou ‘tabu’ o que a desconstrói...*”.

Esse tempo, agora liberado do trabalho, pode passar a ser o momento em que, encontrando-se consigo mesmo, o indivíduo percebe os estragos que a sociedade fez com sua maneira de ser; estragos estes que ele mesmo permitiu, sem o seu preciso entendimento, muitas vezes pensando estar muito distante a entrada na categoria de idoso. Maneira de ser, é bem verdade, resultante também de seu caráter, da sua personalidade, do seu jeito de ver o mundo, mas que, em muito, foi condicionada pela cultura, deveu-se ao meio pressionante em que viveu, sofreu, amou... trabalhou e, no qual, continua a viver.

E eis o elemento trabalho que passou a ser, nesta sociedade da produção, do lucro e das máquinas, confundido com a própria vida, como respeitabilidade imputada. O lazer é estereotipado como sinônimo de preguiça, e o sentimento de culpa, dele resultante, expande-se no momento do descanso ou da desaceleração (negados até então), na aposentadoria, na velhice. É comum se ouvir: “*a tão almejada aposentadoria chegou; minhas potencialidades, ainda não as explorei no seu todo; não deu tempo para tudo!*”.

O tempo ainda aí está a marchar, mas agora em uma cadência marcada por outro relógio construído com as engrenagens de idéias de vida, ou de morte, com otimismo, pessimismo ou realismo. Ainda é tempo de ação, de um agir/ atuar de acordo com o desejo (latente), e, não, sob o tacão da imposição (patente).

O idoso pode *reencantar-se e reencantar o mundo, com uma visão de mundo que inclua o pertencimento, a participação e a idéia de vida não-tanática*. Se retirar as cinzas acumuladas sobre a brasa, ardente na juventude, que pode ainda estar viva, lá reencontrará o fogo, apenas adormecido, pela cultura oprimente. Sopro de vontade ainda firme fará a labareda ressurgir, arder entre cristalizações e preconceitos impingidos pelo meio, deixando-se mostrar, emergindo, com a força que se reforça pelo ânimo, possíveis talentos, aptidões outras até então ignoradas ou amortecidas, também por si mesmo, em consequência de *pressões múltiplas* e, sabiamente, dizer:

“– *Estou vivo, sou gente, continuo bom ou mau como sempre fui*”.

A bondade ou a maldade não são privilégios da pessoa idosa. Em qualquer fase da vida, as virtudes e os defeitos apresentam-se. “*Envelhecemos como vivemos, nem melhor, nem pior*” (Messy, 1993), mas convém lembrar que a velhice é também uma categoria socialmente produzida (Debert, 1994).

A “esperança” (Bloch, 1990) e a vontade de viver deslocam as datas cronologicamente determinadas, e o calendário real dos idosos não segue a cronologia corriqueira.

“*E, de repente, os meus olhos se abriram: percebi que estou velho. Não, não foi a soma dos anos vividos que me fez chegar a esta conclusão. De fato, há uma velhice que é uma entidade do mundo exterior e que pode ser mediada por calendários, relógios e decadência do corpo: geriátrica. Mas há uma outra...*” (Alves, 1998)

Um exercício diário de otimismo e “esperança” (Bloch, 1990) fará emergir um velho querido que respeita e é respeitado. O tempo livre é dele. Foi conquistado e agora o trabalho se dialetiza com a presença da folga, do divertimento. Lazer conquistado e que o idoso tem direito de usufruir, mesmo que seja ainda efetuando alguma tarefa que lhe dê prazer, pois, como bicicleta, movimentou-se sempre trabalhando, e, agora, se parar de repente, pode cair. Convém, no entanto, não se deixar explorar e fazer, como cidadão, o que preferir, tendo, agora, o que antes não tinha: o direito de tempo livre.

A vida continua...

O respeito é uma via de mão dupla. Não é apenas por ser velho que alguém deve passar a ser respeitado. O velho não tem o direito, pela idade, de desrespeitar; é um cidadão ainda com direitos e deveres. Direitos que precisa de continuar a reivindicar e deveres que precisa ainda de cumprir.

É difícil, pois em uma sociedade que não respeita suas crianças (os velhos de amanhã, se lograrem chegar até lá), estas correm o risco (se não mudarem a situação) de também serem desconsideradas quando velhas. Os homens que hoje não vêem as crianças abandonadas nem se preocupam com a lotação interior dos asilos e com o tratamento ali dispensado aos velhos e com seus velhos na família, amanhã serão os velhos que terão, dos hoje crianças e jovens, possivelmente o mesmo tratamento.

Ecléa Bosi (1987), refletindo sobre a velhice, diz que: “*quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização (...) e é comum o voltar as costas, do jovem que aprendeu, ao velho que ensinou, pois a fonte doadora esgotou seus benefícios*”.

Isto confirma que “*a sociedade determina as lentes pelas quais se vê a velhice*” (Lahud Loureiro, 1998). Existem sociedades em que os veneráveis idosos são os conselheiros máximos, ouvidos e consagrados. Mas, em uma sociedade capitalista, o que não produz mais não gera mais riqueza, “esgotou”, passa a ser descartável, na visão puramente econômica, e isso desencanta. Os tabus culturais, os preconceitos, os bachelardianamente ditos “complexos de cultura” (Bachelard *apud* Roy, 1977), impedem que se incluam, como produtos, a felicidade, a memória, a história; “*considere, como possibilidade de produção e de riqueza, os contadores da história (...); aqueles que podem moderar a ferosidade, a impetuosidade e a aceleração da juventude*” (Lahud Loureiro, 1999).

Escutar histórias, ou estórias, causa, aos ouvidos deteriorados dos jovens – acostumados com novidades, com novas produções, ouvidos que não sabem sintonizar com o coração, com a tradição, com o passado e com os mitos –, desinteresse e tédio.

Não somos apenas natureza, não vivemos apenas nossas aspirações, “pulsões internas”; somos também cultura; somos produto desta “*forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto global, totalizante*” – a cultura (Coelho, 1997); e a força da cultura é grande e nossa natureza psicobiológica a ela se rende, mais facilmente, no diálogo entre os dois pólos (natureza e cultura). A cultura tem seu poder evidenciado com mais clareza, está patente. O “plasma existencial” (o latente) mostra-se mais tímido, empurrado por tradição, preconceitos, crenças, costumes, ritos, etc., já cristalizados.

Mas a existência dos desejos latentes pode emergir e causar surpresas, quando, por exemplo, contrariando todas as expectativas, uma septuagenária ainda quer, e faz, um vôo, pilotando ela própria o avião; um octogenário sobe aos

céus em um foguete; um ancião (se assim se pode chamar, a não ser apenas pela idade cronológica, quem faz o que ele fez) com 93 anos de idade lança seu primeiro livro; ou simplesmente uma pacata sexagenária, que viveu sempre dedicada a cuidar dos filhos, dos afazeres domésticos, enfrenta uma tela, com lápis e pincel, ou mesmo, ante um computador (que domina ensinada pelo neto), se expõe, explicita seu interior vivo em criação de beleza pictórica, poética, teatral ou literária; sente prazer em ainda aprender, mudar participar... estar viva.

Edgar Morin, em sua obra autobiográfica, intitulada *Meus Demônios* (1995), considera que “*é agora, no envelhecimento e rejuvenescimento misturados que sinto em mim todas as idades da vida – sou ininterruptamente uma sede dialógica entre infância/adolescência, maturidade/velhice*”. Com quase oitenta anos, Morin (1995) pergunta-se: “*que resta de mim? Tornaste poroso, endureceste, blindaste, esterilizaste? Resististe à lenta deriva da idade? Ganhaste os segredos da maturidade sem perder os segredos da adolescência?*” e diz: “*tenho todas as idades da vida humana ...*” e: “*já não somos mais jovens, mas coisa mais triste ainda, as nossas almas são-no; e o que é pior, sob o ar imponente da idade avançada, observamos os defeitos da juventude (...) e mesmo da infância*”. E cita Oscar Wilde (*apud* Morin, 1995) quando este diz: “*o que é terrível quando se envelhece é que se permanece jovem*”. Um corpo decrepito pode abrigar ainda um espírito jovem. Portanto, a velhice é algo mais que só cronologia, é algo mais profundo, também interior. Há, como disse Rubem Alves, “*uma outra velhice*”. Um cidadão com mais de oitenta anos pode não ser velho, enquanto outro, com vinte anos, pode sentir-se e agir assim. Mannoni (*apud* Messy, 1993) lembra que, “*se carrego comigo a criança que fui e que sempre posso evocar como a do adulto em transformação que sou, não sinto os efeitos do envelhecimento, nem a velhice*”, e o general Mac Arthur (*apud* Kyle, 1994) exorta: “*sois tão jovens quanto vossa esperança. Tão velhos quanto vosso abatimento*”.

Gutton (1988), ao classificar a velhice em velhice verde, crua ou decrepita, coloca, nesta última, as pessoas com mais de oitenta anos. Mas, como incluir nesta última categoria pessoas que, com mais de noventa anos, descobrem seus novos talentos e lançam livros e protagonizam outras proezas?

O tempo mudou, e o entendimento do fenômeno da velhice, do processo de envelhecimento e das idades do ser humano velho precisa de ser repensado.

Einstein tinha razão: “*é relativo*”. A idade cronológica não pode caracterizar ou classificar as pessoas idosas. Idoso é ter muita idade, mas velhice é outra coisa; depende muito de si mesmo, do meio, da sociedade, da época e da cultura de um povo; depende do tempo e do espaço.

Aqueles sonhos recalcados na juventude e na maturidade podem agora aflorar; podem ser hoje realidade se neles se acreditar e se deles se despojarem as imagens inculcadas pelo meio social e com eles se expressar o talento, talvez reclinado até então. A inação é venenosa na idade considerada não mais jovem ou adulta, pode dar prazer momentâneo, mas pode gerar, também, além dos problemas físicos, a exclusão, a tristeza ou a depressão de não mais fazer parte do mundo, de não mais se sintonizar com ele, com a vida. Sempre há uma dose de possíveis, de potências, de talento no nosso interior que ainda não teve a chance de se mostrar. De forma otimista, é bom perceber que a cultura já se vem deixando permear por outras visões de mundo e, agora, a permissão para transformar já começa a ser conquistada. Esse olhar, ainda míope culturalmente, em piscadelas lentas, vem deixando ver a mudança de aceitação do velho na nossa sociedade. Já foi pior. É preciso melhorar.

Mas é preciso atenção para não se deixar iludir pelas ofertas de aparência aos idosos; ofertas, que, na verdade, podem não passar de uso e abuso, vendo, “com olho grande”, apenas, no número elevado de pessoas idosas, a possibilidade de ganho eleitoral e de isca para consumo desregrado e pernicioso em um capitalismo que arrasa. Cuidado com os “docinhos” ofertados no lugar do bombom a que tem direito, e é negado. Cuidado com as pílulas douradas pelo poder.

É louvável a criação de filas especiais para os idosos nos bancos e em outros locais, mas o ideal seria que diminuíssem as filas do INSS e dos hospitais; que a sociedade fosse menos calaveira e pagasse o que realmente deve ao velho, no lugar das minguadas, dilapidadas ou negadas aposentadorias, conquistadas com o trabalho, o sacrifício e o patriotismo de uma vida inteira. São direitos; não são esmolas nem favor.

É bom lembrar que os empecilhos socioculturais não estão presentes em nós, por nós mesmos, mas decorrem de um sistema político-ideológico e de poder. Os velhos conscientes podem dizer:

“– *Somos numerosos, sejamos também audaciosos. Podemos escolher, pois nossos votos são em número grande; podemos interferir no famigerado mercado, pois somos, numericamente, muitos consumidores*”.

Acredito na “*neotenia*” humana, quer dizer, aposto na capacidade mimética do ser humano, que, em qualquer idade, é incompleto por natureza, precisa de mudar, preencher as “*fissuras*”, ou o “*esburacado*”, como diz Messy (1993). Creio que o idoso é quem tem muita idade, mas ainda aprende, e entendo que aprender é mudar. Creio que a cultura que nos envolve pode ser alterada, aceitando a alteridade, quer dizer: conviver com o diferente, com o “outro”, sem o excluir, numa atitude inclusora; mudar a situação estigmatizante e, sem

preconceito, considerar a velhice; conviver com o velho, em uma convivência recíproca de juventude, maturidade e velhice, não esquecendo que esta velhice agora se estende, se alonga, cresce... dura mais tempo.

Convém que os velhos, além de se ajustarem àquilo que lhes é novo, desconhecido, mudem o que lhes desagrade. Mas, convém lembrar, ainda uma vez com Morin (1995), que:

*“devemos, de qualquer modo, conquistar o nosso presente, quer dizer, viver de forma não só utilitária e funcional, mas de forma poética, sendo o estado poético aquele a que ascendemos pelo amor, a comunhão, a festa, o júbilo e que culmina em êxtase”.*

### Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Sobre o tempo e a eternidade*. 5. ed. Campinas: Papyrus, Speculum, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice: as relações com o mundo*. Tradução de Heloísa de Lima Santos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970a. v. II
- \_\_\_\_\_. *A velhice: uma realidade incômoda*. Tradução de Heloísa de Lima Santos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970b. v. I.
- BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris: Gallimard, 1990. t. 1
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória. De Senectude e outros escritos autobiográficos*. prefácio de Celso Lafer. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOIS, J. P. *Les vieux: de Montaigne aux premières retraites*. Paris: Fayard, 1989.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: EdUSP, 1987.
- CARVALHO, J. C. de Paula. Velhice, alteridade e preconceito: dimensões do imaginário grupal com idosos. *Interface – comunicação, saúde, educação*, Botucatu, SP, v. 3, n. 5, p. 29-40, ago. 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasileira, 1989.
- COELHO, J. Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural. Cultura e imaginário*. São Paulo: FAPESP, Iluminuras, 1997.
- DEBERT, Guita Grin (Org.). Pressuposto da reflexão antropológica sobre a velhice. In: *Antropologia e velhice*. Campinas, SP, n. 13, mar. 1994.
- D'EPINAY, Chr. Lalive et al. *Vieillesse: situations, itinéraires et modes de vie des personnes âgées aujourd'hui*. Groupe Universitaire Genevois de Recherche Interdisciplinaire sur Personnes Âgées (GUGRISPA). Suisse, Saint-Saphoin (Lavoux): Editions Georgi, 1984.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Helder Godinho. Lisboa: Presença, 1989.
- GUTTON, J. P. *Naissance de vieillard*. França: Aubier, 1988.

- KYLE, David T. A liderança dos mais velhos. *Revista Uno Mesmo*, n. 132, Buenos Aires: Palas Athena, Agedit, jun. 1994.
- LAHUD, Altair Macedo. *Imagens da vida e da morte: vetores culturais de um grupo de idosos e pistas para a criação de um espaço cultural*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993. Tese de Doutorado, mimeo.
- \_\_\_\_\_. O velho na universidade: relato de experiência no Velho Mundo. *Humanidades*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 68-75, 1994.
- LAHUD LOUREIRO, Altair Macedo. *A velhice, o tempo e a morte*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. Velhice: encantos, desencantos... reencantos. *Humanidades*, Brasília, v. 16, n. 46, p. 77-87, out. 1999.
- MEIRELES, Cecília. Retrato. In: *Obra poética em um volume*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1977.
- MESSY, Jack. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. trad. de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1993.
- MORAIS, Maria Luíza Gusmão de. *A sala de espera: um estudo da ideologia do velho asilado*. Brasília, Universidade de Brasília, 1977. Dissertação de Mestrado.
- MORIN, Edgar. *Meus demônios*. trad. portuguesa P.E.A. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1995.
- NEVES, Rita de Cássia M. *Festas e mitos: a identidade na Vila de Cimbres – PE*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1999. Dissertação de Mestrado, mimeo.
- PITTA, Danielle Perim Rocha. A expressão mítica na complexidade dos espaços imaginários. In: *Anais Primer Coloquio Internacional Espacios Imaginarios*, Faculdade de Filosofia y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México 1999.
- ROY, Jean-Pierre. *Bachelard ou le concept contre l'image*. Montreal: Presses de l'Université de Montréal, 1977.
- SESC – Serviço Social do Comércio. *Um olhar sobre o envelhecimento: exposição, ano internacional do idoso*. Ribeirão Preto, SP, jun. 1999.

Recebido em: 31.03.2000

Aceito em: 16.11.2000